

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 519	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. torte)	38800	16900	6950	6120	21 DE MAIO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	6	6		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	6	6		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Começamos hoje a nossa chronica por abrir uma excepção nos nossos habitos de chronista, dando logar aqui a uma noticia de suicidio.

Combatemos sempre com toda a energia e com toda a convicção a publicidade dada pela imprensa de Lisboa e infelizmente pela imprensa de todos os paizes, a essas noticias desoladoras e perigosas, que se succedem e se multiplicam com uma rapidez e uma abundancia deveras assustadoras, rapidez e multiplicidade a que ellas não são de todo indifferentes pois está provado, pela pratica de todos os dias, está demonstrado por todos os psychologistas e corroborado por todas as estatisticas, que a mania do suicidio é uma enfermidade contagiosa e que é muitas vezes, se não sempre, a leitura da noticia d'um suicidio, que faz germinar em espiritos enfermiços ideias identicas.

Dito isto comprehendem decerto que só um motivo excepcional nos obrigaria a sahir d'esta reserva systematica, a abrir uma excepção n'essa regra de proceder que nos impoemos.

Esse motivo deu-se infelizmente, porque a terrivel enfermidade que tantas victimas tem feito ultimamente, que é mais mortifera que todas as outras enfermidades, — porque mata todos os dias, porque não tem intermitencias, porque contra ella não ha remedios efficazes, contra a sua invasão não ha cordões sanitarios, contra a sua marcha não ha therapeuticas possivel, porque é fulminante, — porque esse terrivel mal, que se pode considerar a doença caracteristica implacavel, e devastadora do nosso seculo, escolheu agora a sua victima entre um dos mais antigos, mais assíduos e mais distinctos collaboradores artisticos do nosso jornal.

Percorrendo a collecção do OCCIDENTE os nossos leitores encontrarão nos seus diversos volumes muitas gravuras e

algumas d'ellas bem notaveis, como trabalho de gravador, feitas por esse pobre rapaz, que o suicidio atirou agora para a cova deixando na mais pungente desolação a sua viuva, e na mais dolorosa orfandade quatro creanças pequenas.

Chamava-se João Augusto d'Oliveira, o pobre allucinado, e durante desesete annos esteve estudando e trabalhando no atelier de gravura de Caetano Alberto, o illustre gravador e nosso prezado collega e amigo, que dirige a parte artistica do OCCIDENTE, sua propriedade, e que tem sido mestre disvelado e habilissimo de quasi todos os gravadores portuguezes, que, hoje ha no nosso paiz.

José Augusto d'Oliveira era um gravador distinctissimo, um dos discipulos que mais honraram o mestre.

Oliveira foi educado na Casa Pia e em 1873, contando apenas desoito annos, veio para o atelier de Caetano Alberto estudar gravura em madeira. Estudou bem, aproveitou muito, tornou-se um bom gravador e publicou no nosso jornal muitas gravuras suas de notavel merecimento.

Ha cerca de tres annos José Augusto d'Oliveira foi para o Banco de Portugal contractado como gravador, e ganhava ali seis mil réis por semana.

Muito estimado pelos seus companheiros, estes, que com elle se davam muito bem e viviam na mais fraternal amizade, notaram ha coisa de oito dias, uma differença sensivel nos modos do Oliveira.

Ao contrario do costume andava tristonho, sombrio, preocupado, nervoso, e chegára mesmo a pedir tres dias de licença para ver se acalmava os seus nervos muitos excitados.

Na quinta feira passada o Oliveira entrou para a officina do Banco de Portugal ás 8 horas da manhã, mettu-se no seu quarto de trabalho e trabalhou como de costume, dando poucas palavras, muito mettido comsigo, bisonho, como já ha dias andava.

Cerca das tres horas da tarde o distincto gravador o sr. Pedro Ayres entrou no quarto onde elle trabalhava.

— Que horas são? perguntou-lhe o Oliveira.

— Tres.

— Não sendo horas de ir ás sopas, disse o Oliveira.

O sr. Ayres sahiu do quarto deixando-o só.

D'alli a uma hora, hora da sahida do pessoal, todos os gravadores sahiram menos o Oliveira.

Os companheiros deram pela falta d'elle e esperaram-n'o um pedaço e como elle não apparecesse, o chefe da officina, o sr. José Leopold, dirigiu-se ao quarto onde o Oliveira trabalhava para saber o motivo d'aquella demora.

A porta do quarto estava fechada por dentro.

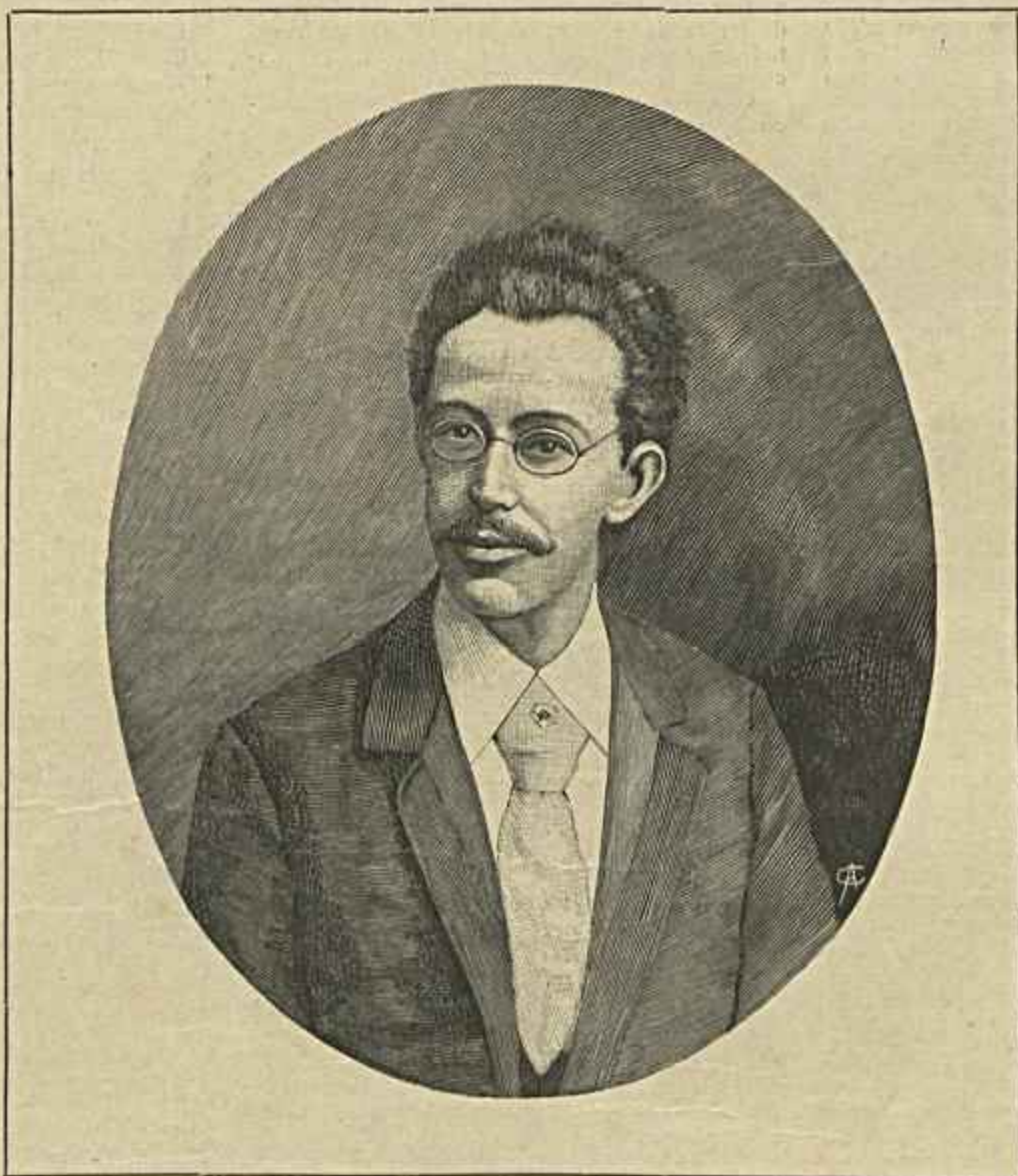
Uma suspeita terrivel assaltou de repente o espirito de todos.

Arrombada a porta, essa suspeita terrivel tornou-se em terrivel certeza.

O Oliveira estava enforcado n'uma corda que atára no fecho da janella.

Afflictos, os companheiros correram logo a elle.

Era tarde. Estava morto já e como se tivesse medo que a corda falhasse, o desgraçado, já



JOSÉ VIANNA DA MOTTA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



depois de ter o laço em torno do pescoço agarra n'uma grande thesoura e enterrara-a no lado esquerdo do peito, sobre o coração.

No fato do suicida nem em sua casa se achou declaração alguma, que tornasse conhecidas as causas determinantes d'essa fatal allucinação.

Paz á memoria do pobre e distincto artista que assim deixou a vida aos 38 annos d'idade!

Correu em Lisboa ha dias uma noticia desagradavel que felizmente era de todo o ponto falsa.

Disse um jornal francez, e alguns jornaes de Lisboa repetiram-o, que estava bastante enferma em Roma Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

A noticia era inexacta, soube-se logo por telegrammas vindos de Roma, em resposta aos que de Lisboa se enviaram immediatamente a saber noticias de Sua Magestade.

Folgamos sinceramente que assim fosse.

No fim do mez-partem para Beja, onde se vão demorar tres dias El-Rei D. Carlos e a rainha D. Amelia.

E' a primeira vez que Suas Magestades se dignam honrar com a sua visita aquella cidade, cuja população prepara brilhantes festas para receber os regios visitantes.

Acompanham Suas Magestades o sr. presidente do conselho, ministro do reino, e ministro das obras publicas.

Sua Magestade a Rainha D. Amelia nomeou uma commissão de Senhoras, a que S. M. preside, para organisar um beneficio em S. Carlos, a favor dos pobres lavradores do Douro, tão rudemente experimentados pelos desastres dos ultimos temporaes.

A recita realisa-se ámanhã e tomam n'ella parte a notavel actriz franceza Traquini d'Or, o sr. Vianna da Motta, a companhia de opera comica franceza e a companhia do Gymnasio, que representa uma das melhores comedias n'um acto do antigo repertorio de Valle.

Fallamos da actriz franceza Traquini d'Or e esta artista tem direito a occupar parte importante na nossa chronica, porque constituiu um dos acontecimentos mais salientes dos ultimos dez dias, com o grande exito que alcançou em S. Carlos na *Carmen* de Bizet.

A sr.<sup>a</sup> Traquini d'Or foi a artista que o sr. Tailfer, — o director da companhia, — empresario muito conhecido em França e que vae fazer por sua conta theatro em Lisboa, pois segundo se diz tomou por nove annos o theatro da Rua dos Condes para o explorar com companhias d'opera comica franceza — mandou vir em substituição da sr.<sup>a</sup> Meseray, que desagrado completamente na opera da sua estreia a *Mirville*, como aqui dissemos.

Debutou na *Carmen* a sr.<sup>a</sup> Traquini d'Or e o seu debute foi um enorme successo, para ella e ainda mais do que para ella, para a escola franceza d'opera comica.

A sr.<sup>a</sup> Traquini d'Or é uma artista muito apreciavel mas não é com certeza uma celebridade artistica parisiense e entretanto é tal a superioridade da escola franceza, que apesar de não ser uma *estrella* a sr.<sup>a</sup> Traquini d'Or, como interpretação dramatica, como estudo de personagem, como maneira de representar, foi muito superior, mas muitissimo mesmo, ás mais illustres artistas lyricas, que entre nós tem desempenhado o papel de *Carmen*, artistas entre as quaes figuram a Adelia Borghi, que foi a mais notavel *Carmen* italiana que tem cantado em Lisboa, e a Patti, a celebre diva, que magnifica como cantora ficou como comediante, esmagada sob as responsabilidades do personagem de *Merimée*.

Successo enorme na *Carmen* foi tambem o do tenor Grandubert, no papel de D. José.

Nas tradições do theatro de S. Carlos, havia dois D. José notaveis, um, o melhor de todos, o do tenor De Basini, outro, muito distincto tambem, o do tenor Valero.

O tenor francez Grandubert foi enormemente

superior a esses dois e se nem no *Dragon d'Alcalá* nem na romanza da Flor, teve o successo que n'esses trechos alcançavam aquelles dois tenores no terceiro e no quarto acto foi mil vezes superior a elles, pela accentuação profunamente dramatica, pela energia tragica do seu canto e da sua dicção, que arrebataram a platéa em impetos d'enthusiasmo.

E a *Carmen* cantada e representada pela companhia franceza foi um successo colossal, — opera comica franceza, por francezes cantada, a famosa partitura de Biset parecia uma opera nova com novos efeitos, com novos encantos, e apesar dos coros serem deficientes, do barytono encarregado do papel d'Escamillo não ser optimo, o triumpho foi enorme e a *Carmen* tem dado já quatro enchenes a S. Carlos, que foram quatro noites d'enthusiasmo, excepto uma em que a parte de tenor foi cantada pelo tenor Maillaud, que fez um D. José correcto, mas muito inferior ao magnifico D. José do tenor Grandubert.

Não queremos terminar a nossa chronica d'hoje sem registrar aqui o grande exito alcançado no concerto da Real Academia dos Amadores de Musica, no Salão do Theatro da Trindade, por uma distincta amadora de musica, que se revelou pianista notabilissima, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna Peito de Carvalho.

Discipula do sr. Rey Colloca a sr.<sup>a</sup> D. Anna Peito de Carvalho, apresentou-se pela primeira vez ao publico n'esse concerto executando ao piano o concerto em sol menor, o andante e presto agitato, de Mendelsohn, o Nocturno de Chopin, e o Capriccio hespanhol de Nogués.

Não é só a corrección primorosa, o mecanismo de virtuose distinctissima que ha a applaudir e a admirar na execução da gentil pianista, é tambem a alma, o sentimento, a intuição artistica.

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna Peito de Carvalho é uma artista a valer: como pianista não se admira apenas como uma machina de tocar primorosamente trabalhada; enthusiasmo, como uma artista que tem alma, que tem essa scentelha brilhante e rara, que se chama talento, e sem a qual não ha grande artista algum, por mais annos que se dê ao estudo, por mais senhor que se esteja da parte mecanica da arte, da parte processo.

As nossas felicitações e os nossos enthusiasticos applausos á illustre pianista.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ VIANNA DA MOTTA

Mais uma gloria veiu juntar-se ás que ultimamente tem dado brilho e como que renascimento á arte portugueza, levantando-a do abatimento a que tinha chegado.

Ainda não ha muitos annos quem entre nós pensava que Portugal podesse produzir arte para exportação, quando nem para si a tinha. Mas os pintores portuguezes, principiando por Lupi até, ultimamente, Sousa Pinto, começaram a expôr os seus quadros no *Salon* de Paris, e ainda mais que expôr, a vendel-os para os museus de Bellas Artes da França. As obras dos poetas e prozadores portuguezes, como Camillo Castello Branco, Anthero do Quental, Theophilo Braga, Gomes Coelho e outros que não nos occorrem agora, principiaram a ser traduzidas lá fóra, onde os mercados litterarios superabundam de obras dos seus poetas e prozadores. O theatro portuguez, como manifestação litteraria da mais difficil cultura, tambem já conta produções traduzidas em linguas estrangeiras, como ainda ultimamente o *Commissario de Policia* do nosso querido collega e director Gervasio Lobato.

Os maestros portuguezes Augusto Machado e Alfredo Keil, tem a rara fortuna de ver as suas operas cantadas em França e na Italia, estando ainda palpitante o triumpho alcançado por Keil em Turin, com a sua opera *Irene*.

Os cantores portuguezes fazem carreiras brilhantes nos primeiros theatros de opera do mundo, e lá vemos Francisco e Antonio de Andrade, Regina Pacini, Judici da Costa e ainda outros, alcançarem assignaladas victorias nos grandes centros da Arte.

Alfredo de Andrade é professor, na Italia, de varias escolas de Bellas Artes, e inspector dos monumentos nacionaes d'aquelle paiz, cargo que só por si dá a medida dos grandes meritos que concorrem na pessoa que o desempenha; e ainda ha bem pouco tempo, a commissão executiva da exposição de Chicago, convidava Raphael Boddallo Pinheiro a ir á America encarregar-se da decoração de uma parte d'aquella exposição, convite que o distincto artista não poudo aceitar.

De nossa casa sabemos nós que muitos clichés das gravuras do Occidente feitas pelos nossos artistas, tem sido requisitados para varias illustrações estrangeiras, e se sem sahirmos do campo da arte, podemos, n'estas rapidas linhas, enumerar tantos factos honrosos para a arte portugueza, se entrassemos nos dominios da sciencia, muito teriamos tambem que enumerar.

Mas não é esse o nosso proposito tendo que nos referir-mos simplesmente a um artista portuguez que nos sugeriu estas considerações, por ser mais uma gloria para a arte portugueza, que tanta má vontade ou ignorancia para ahí faz desdenhar, sem se querer comprehender que a grandeza e progresso de um paiz não se mede pelos seus palmos de terra, mas pelo desenvolvimento das suas artes e sciencias.

Os que lidam pelos progressos da patria, não podem deixar de se alegrarem, sempre que algum novo talento se manifesta no nosso meio artistico, e é por isso que nos alegrámos, que nos enthusiasmámos, quando sobemos dos notaveis progressos que Vianna da Motta ia fazendo lá por fóra, onde fóra completar a sua educação artistica, e quando se apresentou entre nós um artista consummado, mais do que isso, um digno rival dos mais afamados pianistas estrangeiros.

Conhecemos Vianna da Motta uma criança, franzia, quasi rachitica cursando ainda o conservatorio de Lisboa e dando já os seus concertos, com o annos de idade, apenas.

Já então se revelava um artista e o que fazia não era vulgar. Principiava por onde raros acabam, e se continuasse a estudar, devia ir muito longe.

E foi.

El-rei D. Fernando ouviu tocar o infantil artista e comprehendeu logo que estava ali um talento musical com rara aptidão para o piano, e desde logo tambem teve idéa de o subsidiar para que elle podesse ir completar os seus estudos com os grandes mestres, nos grandes centros musicaes.

Foi assim que José Vianna da Motta partiu para a Allemanha em 28 de setembro de 1882, contando 13 annos de idade:

Alli continuou os seus estudos no conservatorio Scharwenka, onde, a 29 de janeiro de 1883, tomou parte no concerto dos discipulos d'este conservatorio, executando o Concertstueck de Weber acompanhado a orchestra.

N'esta primeira prova, na sua nova escola, logo Vianna da Motta affirmou os seus talentos musicaes, conseguindo distinguir-se entre os seus condiscipulos.

O que aconteceu n'esta primeira prova repetiu-se nas seguintes e ao terminar o seu curso, em 1884, o seu triumpho era completo sendo já considerado um artista de primeira ordem.

Vianna da Motta affirmava o seu talento como pianista, mas não consistia só n'isso o seu merito, porque as suas composições musicaes eram ouvidas com applauso, distinguindo-se uma Ave-Maria para dois supranos e dois contraltos com acompanhamento de orchestra, e uma symphonia para grande orchestra, intitulado *D. Inez de Castro*.

Em 1885 foi para Weimar onde recebeu licções de Liszt, que lhe fez os maiores elogios enthusiasmando-se pelo joven pianista portuguez, offerecendo-lhe no fim das licções o seu retrato com uma delicatoria em que saudava os futuros triumphos de Vianna da Motta.

Em Wemar estudou tambem composição com Muller e Hartung.

Voltando a Berlin em 1885 deu ali o seu primeiro concerto em publico, na sala da Ling Akademie alcançando o mais assignalado triumpho.

N'esse mesmo anno veio a Lisboa para mostrar o seu aproveitamento, mas a morte de El rei D. Fernando impediu o de tocar em publico, voltando novamente para Berlin em principios de 1886, continuando ali a estudar piano e instrumentação com Carl Schaffer.

Passou então a subsidial-o nos seus estudos, o sr. infante D. Augusto, e o jovem artista soube aproveitar bem este valioso auxilio.

De Berlin passou a Frankfort-sur-Main onde



recebeu lições de estilo de Hans von Bulow que o considerou um dos seus discípulos mais distintos e queridos, tendo-o pelo unico que melhor comprehendera o seu modo de execução no piano.

Veio depois a Berlim dar novos concertos sempre com applauso do publico, e o empresario Wolff recommendou-o a Pablo Sarasate para tomar parte nos seus concertos.

Os dois artistas fizeram então uma viagem pela Dinamarca, tocando em Copenhague, Fleurburgo, Hamburgo e outras cidades da Alemanha, onde ambos colheram os mais virentes louros.

Em 1888 fez uma viagem pela Russia, dando quatro concertos em S. Petersburgo, dois em Kronstadt, cinco em Helsingfors, dois em Moscow, em Kiew, em Abo, Reval e outras cidades, acompanhando o sempre os mesmos triumphos, sendo-lhe offerecida em S. Petersburgo uma coroa de louro com as suas iniciaes.

Nos ultimos invernos de 1888 a 1891 continuou percorrendo as principaes cidades allemãs dando em todas concertos sempre com o maior entusiasmo do publico que o ouvia.

O inverno de 1891 e 1892 passou-o em Berlim dando concertos, em que o publico enchia completamente a sala e lhe dispensava ruidosos applausos.

O nosso illustre compatriota foi convidado a tocar na corte de Berlim, na presença do imperador Guilherme I, e n'uma *soirée* particular da imperatriz Frederica.

Esta honra concedida só aos grandes artistas confirma os notaveis creditos que Vianna da Motta goza na Allemanha.

El-rei D. Luiz recebeu em Berlim, quando ali esteve, a visita de Vianna da Motta, que lhe foi apresentado pelo ministro portuguez então n'aquella corte o sr. marguez de Penafiel, e teve a honra de ser convidado para um almoço que os officiaes do regimento de que o monarcha portuguez era coronel honorario, offereceram a El-rei.

Quando El rei D. Carlos, então, principe real, esteve em Berlim, tambem Vianna da Motta foi convidado para o jantar que o ministro portuguez offereceu a Sua Alteza, e na *soirée* que se seguiu ao jantar, o jovem pianista tocou na presença do principe portuguez sendo muito applaudido.

Varias academias e sociedades de musica da Allemanha contam-o por seu socio, e todas estas demonstrações de apreço e consideração pelo pianista e compositor portuguez, são a merecida recompensa dos seus incontestaveis meritos.

Que o digam aquelles que o ouviram nos concertos q. e Vianna da Motta tem dado em Lisboa e no Porto, em que o notavel artista affirmou brilhantemente o seu talento, talento que desde criança se revelara e que teve (caso raro) a sorte de não se lemitar ao de menino prodigio.

Vianna da Motta é hoje uma gloria portugueza, para o que não concorreram pouco os protectores que lhe subsidiaram os estudos, entrando n'este numero a sr.<sup>a</sup> condessa de E.lla que continuou a obra iniciada por El rei D. Fernando e seguida pelo sr. infante D. Augusto.

## ILLUSÕES PHOTOGRAPHICAS

A photographia tem nos ultimos annos attingido um desenvolvimento e vulgarisação que está perfeitamente na razão dos progressos e perfeições a que tem chegado.

Os seus cultores têm crescido de anno para anno, quer estes a cultivem profissionalmente quer como amadores, por diletantismo, de modo que por toda a parte a photographia conta hoje distinctos amadores, que encontram n'ella uma distração util, com que vão reproduzindo em primorosos quadros as vistas mais interessantes de logares e monumentos apreciaveis.

Assim como a photographia se presta áquellas interessantes reproduções, tambem com ella se obtem as mais curiosas produções de scenas terribes ou comicas de uma realidade admiravel.

Puras illusões obtidas por formas extremamente engenhosas, como as que se observam nas nossas gravuras da pag. 120 em que a mesma figura se encontra contemplando a sua propria cabeça, ou conduzindo-a em um carrinho de mão, ou ainda reproduzida em dois tamanhos diferentes, no mesmo cliché.

Para se obterem estas illusões, e tantas outras que se podem combinar, basta collocar a machina photographica em uma casa que não receba outra luz que a da porta de entrada, que se conservará entreaberta.

Depois tudo depende da habilidade em manejar

os corpos obstrutores, por meio dos quaes se esconde a acção da luz, a parte da imagem de que se quer prescindir.

Facilmente se comprehende a grande variedade de illusões que assim se podem obter, e quanto divertida é esta distracção para os amadores photographicos, que hoje vivem por todas as terras de provincia, onde, emfim, as distracções não abundam.

## THOMAZ BLANC

(Continuado do n.º antecedente)

N'este intervallo as discordias civis rebentaram em França (as que derrubaram Carlos X do throno!) e Thomaz Blanc foi obrigado a entrar no serviço das armas, abandonando temporariamente o seu retiro religioso; é o que parece deprender-se d'uma poesia sua. A repugnancia que sentiu, ao ter de derramar o sangue de seus similhantes, de seus irmãos, as saudades da existencia pacifica e retirada que largava pelo estrepito da guerra, a pintura da sua vida suave no seminario de Beaucaire, tudo nos mostra essa poesia intitulada *Souveni s, le seminariste à la caserne*, composta provavelmente na visinhança do acontecimento. Oicamos os gemidos e os queixumes da sua lyra:

Me voilà donc, soldat, dans l'infecte caserne,  
Un mousquet à la main, sur le dos la giberne,  
En costume de fantassin.  
Un sergent m'initie aux vertus militaires,  
O Christ, tu m'enseignais l'amour de tous mes frères;  
J'apprends!!! le métier d'assassin.

Dans la bruyante nuit quand parfois je sommeille,  
Un horrible blasphème en sursaut me réveille;  
Plus de sommeil, plus de repos.  
Du conscrit gonifleur, la cible et la risée,  
Je suis contraint d'entendre, hélas! l'âme brisée,  
Jurons et cyniques propos.

Toi qui servais d'asile à mon adolescence,  
Séminaire chéri, doux séjour du bonheur,  
Rends-moi, rends-moi ces jours de paix et d'innocence  
Que je coulais tranquille en servant le Seigneur:

Sous les lambris dorés de ton humble chapelle,  
Où la Mère de Dieu veille sur son autel,  
Ces jours où je dormais à l'ombre de son aile,  
Comme un enfant s'endort sur le sein maternel.

Aux douteuses lueurs du naissant crépuscule,  
La cloche matinale à la vibrante voix,  
M'arrachait au sommeil, à ma pauvre cellule,  
A mon cher crucifix que je baisais trois fois.

Aux lévites pieux à genoux sur la pierre,  
Qui levaient et leurs mains et leurs cœurs vers le ciel,  
Je courais me mêler, et mon humble prière,  
Douce comme un parfum, montait vers l'Eternel.

Alors je savourais les transports de l'extase:  
Ravissantes douleurs, pures félicités!  
Et mon cœur vierge encor, débordant comme un vase,  
S'enivrait au torrent de chastes voluptés.

Le mystère accompli, je sortais en silence  
Du temple du Seigneur, et retouruais joyeux  
A ma simple demeure, asile d'innocence,  
Où m'attendaient la Bible et des livres pieux.

Les clameurs des méchants et les pas de la foule,  
Comme un écho lointain, arrivaient jusqu'à moi,  
Je riais de ce bruit, comme rit de la houle,  
Le nocher dans le port tranquille et sans effroi.

Mais les vents déchaînés, la tempête qui gronde,  
Au milieu des écueils, sur la mer de ce monde,  
Poussent mon frère esquis;  
O ma sainte Patronne, ô Marie, ô ma Mère,  
Veille sur ton enfant, guide sur l'onde amère,  
Eloigne ma nef du récif.

Me voilà donc, soldat, dans l'infecte caserne,  
Le mousquet à la main, sur le dos la giberne,  
En costume de fantassin.  
Un sergent m'initie aux vertus militaires,  
O Christ, tu m'enseignais l'amour de tous mes frères,  
J'apprends!!! le métier d'assassin.

Soou porém a hora de Thomaz Blanc deixar definitivamente aquelle grato azylo, onde tanto se aprazia na convivencia da mocidade estudiosa e na companhia dos livros, para ir exercer o ministério pastoral; e decerto o não fez sem magoa. Era trocar as flores pelos abrolhos, as esperanças pelos desenganos, entrar na vida real e positiva, abeirar-se do mundo e de suas miserias. Mas o moço ecclesiastico tinha a consciencia dos seus deveres, da santa missão que lhe cabia na terra, e, a fim de cumpril-a, virou as costas á paz e á solidão de Beaucaire, e disse-lhe adeus para sempre. Contava então vinte e quatro annos. Trez annos depois, aos vinte e sete, foi nomeado parochio de Domazan, pequena povoação situada no mesmo departamento de Gard.

A sensação que Thomaz Blanc experimentou com esta mudança devia ser extranha, posto não desagradavel á sua alma religiosa e cheia de pie-

dade, porque não ha outro estado onde mais do que n'aquelle e melhor se possam empregar as virtudes christãs; desfeita porém a primeira impressão, imaginamos que folgaria, bom e compassivo como era, de ver multiplicarem-se as occasiões e os motivos de exercer essas virtudes em muito maior escala do que anteriormente. Viveira até ali separado quasi da sociedade, conhecendo-a mais pelos seus auctores favoritos do que pela experiencia verdadeira, repartindo aos pobres de saber, aos seus discipulos, o pão do espirito, adquirido para si á custa de tanto trabalho, e, agora, encontrava-se em meio d'ella, entrava em combate com ella, para soffrir com os seus soffrimentos e os seus erros, como se fosse proprios, e consolal-a, e curar-lhe as chagas moraes, e dirigi-la pelo recto caminho, allumiando-lh'o, facilitando-lh'o com os divinos pharoes do perdão e da esperança.

Cincoenta e oito annos viveu o nosso sacerdote em Domazan, disparzindo a mãos plenas a consolação e os remedios espirituales pelas suas ovelhas, que antes se chamariam seus filhos; cincoenta e oito annos gastou este bom homem em levantar sobre os firmes alicerces que lhe fabricara o solido, o exemplar edificio das suas virtudes, cujo remate seria, pouco depois d'elles, a sua morte, serena e tranquilla, como a de um justo. Durante esse longo espaço de tempo a sciencia e a poesia serviram-lhe sempre de companheiras e de lenitivo, que de lenitivo precisou muita vez nas desgraças, já particulares, já publicas, que então occorreram. Foi decerto a maior d'aquellas a perda da sua mãe.

Pauvre mère! La mort cruelle  
De ses jours a tranché le fil;

exclamava Thomaz Blanc, lamentando tão fatal acontecimento;

Il me faudra bientôt comme elle  
Quitter ce triste lieu d'exil.  
.....  
Quand sonnera ma dernière heure,  
Heure bénie! heureux moment!  
Accours; de la sainte demeure  
Ouvre la porte à ton enfant.

E, olhando o crucifixo que sua mãe lhe legára:

Crucifix, don pieux qu' une mère souffrante  
A son enfant légua sur son lit de douleurs,  
Tout empreint des baisers de sa lèvre mourante,  
Humide encor de ses sueurs  
Et tant arrosé de mes pleurs,  
Reste avec moi toujours; à mon heure dernière,  
Image de Jésus, ma force et mon orgueil,  
Non, ne me quitte pas, cher trésor de ma mère,  
Et sur mon cœur repose en mon humble cercueil.

As desgraças publicas foram todas as que flagellaram a França n'estes cincoenta e oito annos, contando-se entre as principaes as luctas civis e a guerra com a Allemanha. Como não padeceria sua alma de sacerdote e de francez com tanto sangue derramado entre irmãos e com a invasão e o abatimento da patria, elle, que até mesmo gemera com suas victorias, elle, que, apesar das palmas colhidas no Oriente, supplicava á Santa Virgem:

Fais cesser l'horrible carnage;  
Brisé les glaives des guerriers;  
Pour garants de notre courage  
Nous avons assez de lauriers!

Foi durante esse extenso periodo que Thomaz Blanc ampliou os seus conhecimentos linguisticos e aprendeu o portuguez, pelo menos assim é de presumir, não sabemos se com mestre, se consigo mesmo. A leitura dos nossos escriptores deleitava-o, sobretudo pela similhaça da nossa opulenta e harmoniosa lingua com o dialecto do seu paiz. Foi então, a época precisa ignoramol-a, que travou relações com alguns dos nossos patricios, distinguindo-se entre todos, os srs. Antonio José Viale, Abilio Augusto da Fonseca Pinto e o dr. Assis Teixeira; foi então que *O Instituto* de Coimbra, o inscreveu no numero dos seus socios; e foi então que publicou a maior parte das suas obras. Dotado de extraordinaria actividade, conservando até quasi ao ultimo momento as faculdades intellectuales perfeitas, vigoroso, não obstante a idade avançada em que falleceu, affeito ás lidas do gabinete, o nobre sacerdote aproveitou bem as horas vagas das suas religiosas occupações lendo e escrevendo sempre. São testemunhos do que avançamos, além de muitos artigos dispersos por diferentes revistas scientificas e litterarias, as seguintes composições, apreciadas pelas pessoas competentes, e que todas suppomos d'este periodo:

(Continua.)

Ramos-Coelho.



## EXPOSIÇÃO DO "GREMIO ARTISTICO"



CONDUZINDO O REBANHO — QUADRO DE SILVA PORTO

(Gravura de G. Alberto)

Adquirido pelo sr. dr. Ayres de Campos

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho.)

### EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Continuado do n.º 517)

Dissemos que o sr. Malhóia «prefere um colorido mais convencional e, portanto, menos verdadeiro» e de facto os quadros d'este pintor destacam-se vesivelmente do resto da exposição, por um tom mixto de vermelho e de azul que dá uma velatura violacia quente, um tanto agradável á vista, mas extremamente falso em relação á natureza.

Assim se observa nos seus quadros *O toque das Trindades* e *Os curiosos* a par de alguma incorrecção no desenho, incorrecção que avulta mais n'este ultimo quadro, se procurarmos descobrir o nú da figura que se debruça sobre o muro do quintal. Ha ali um pé que não pertence á perna que se esconde debaixo da saia e joelha sobre o assento do muro.

No quadro *A missa das seis* domina mais o tom azulado, frio, o que até certo ponto se justifica pela hora, mas o pintor abusou um pouco d'aquella entuação, assim como da concorrência á missa, dando-lhe pretexto para pintar uma *queue* como á porta de qualquer banco em dia de corrida. Muito pouco distincta aquella multidão que corre para o pobre ermitério, confundindo-se em uma massa que tanto póde ser gente como outra qualquer coisa, o que não deixa de sentir-se mesmo na figura do pobre homem em moletas que fecha a *queue*, cuja correccção do desenho não é irreprehensível.

Os retratos apresentados pelo sr. Malhóia n'esta

exposição não nos agradaram tanto como os de outras exposições. Pouca limpidez e frescura nas carnações, e certas côres indiscretas nas roupas e fundos que não se conciliam em uma harmonia pacata. Ha por ali pinceladas de mais, algum estrago de tintas que a gente tem vontade de limpar, muito respeitosa do rosto e braços d'aquelles retratos.

Seguramente Teciano quando pintava os retratos das damas de Ferrara ou da sua Lourette transformada em duqueza, não abusava assim da sua palheta.

Não. Não abusava, não senhor.

De resto os talentos do sr. Malhóia são já bem conhecidos e a muita consideração que nos merece este artista, é que nos leva a determ'o-nos mais sobre as suas obras e a notarmos estas pequenas faltas das boas regras da pintura, faltas que o artista tem sufficientes posses para resgatar.

Que o diga o seu quadro do Marquez de Pomal, exposto o anno passado, que é ainda hoje o maior arrojo da pintura portugueza que se tem feito nos tempos modernos.

Um outro artista se apresenta n'esta exposição com uma respeitavel porção de quadros, nada menos de treze, numero fatidico para os supersticiosos de enguiços.

E' o sr. João Vaz, nome bem conhecido no nosso meio artistico e que desde as primeiras exposições do *Grupo do Leão* concorre a estes certamens com as suas marinhas do Sado.

E' justamente por esta razão que as suas mari-

nhas do Sado começam a fatigar o publico, porque, emfim apesar de todas as bellezas do Sado as marinhas do dito é que não pódem já com tantas bellezas, e principiam a tornar-se monotonas, ao mesmo tempo que a tinta vae faltando n'um grande desconsolo de fadiga e aborrecimento por se pintar as taes bellezas.

E o caso é que nos parece que as tintas tem razão em fugir da tela, deixando-a quasi a descoberto, com uns laivos aqui e acolá, de uma sovínice que está em plena contradicção com a prodigalidade das marinhas do Sado do sr. Vaz.

Houve um critino que comparou as marinhas do sr. Vaz com as paisagens d'Africa publicadas no OCCIDENTE. Não sabemos que pontos de comparação possam haver entre uma coisa e outra, nem mesmo para fazer espirito, porque, emfim, uma paisagem é uma paisagem e uma marinha é uma marinha, e só o que póde fazer confundir os dois generos tão distinctos é a canceira de ver tantas marinhas do Sado que já chegam a parecer paisagens. Sim deve ser isto, pois não é, oh! sabio critico em disponibilidade?

A critica, porém, d'aquelle critico não deve ter impressionado muito o sr. Vaz porque ella valle tanto quando censura, como quando louva, mas o que deve impressionar o distincto pintor é o notar-se lhe a sua desmedida paixão pelo Sado, que apesar de todas as suas bellezas, sempre é um abysmo e o abysmo attrae.

Sr. Vaz, deixe o Sado em paz. Pinte outros motivos nas suas telas e reparta com as pobresinhas mais algumas migalhas de tinta e verá, que o



seu talento ainda dá para mais alguma coisa que as querenas no Sado, que o desembarque do peixe no dito, que os patachos á carga no sobredito, e as praias, e as vesperas dos temporaes (era muito mais bonito o temporal desfeito), as baixameres, os estaleiros, que sei eu, com que ha um bom par de annos anda a esgotar as bellezas do

cota de 523 metros; a ponte sobre o Zezere está a 424; descer estes 99 metros n'uma pendente facil; encontrar, a solução que satisfizesse ás necessarias condições de uma boa exploração, eis o que obrigou a um traçado sinuoso, a um perfil accidentado, começando pela enorme curva em que sahimos da Covilhã, tão grande que, durante

Os vãos centraes tem 48<sup>m</sup> de abertura; os lateraes 37.

A obra de ferro d'este viaducto, como todas as demais das pontes d'esta linha, foi feita nas officinas da sociedade belga de Braine le Comte, de que era representante, em Lisboa, o activo engenheiro mr. Eugène Rolin, um dos directores da nossa Empreza Industrial Portugueza.

O viaducto fica ao kilometro 168,500. E cinco kilometros depois que passamos o Zezere em uma ponte metallica de tres vãos na extensão de 117 metros.

Passado este ponto o traçado desenvolve-se mais facilmente, parando na estação de Caria que serve a povoação d'este nome e a de Teixoso, na outra falda da serra, e seguindo á de Belmonte que fica ao kilometro 184,500, subindo sempre, atacando a serra para vencer mais adiante a sua difficil passagem para o lado da Guarda.

N'este seguimento até a estação seguinte, sempre em rampa de 13 a 18 millimetros por metro, isto é, para os profanos, 13 a 18 metros de differença por kilometro, passamos varios viaductos, dos quaes os mais importantes, os que medem mais de 50 metros, são: o de Moçainhas, ao kilometro 192, de 130 metros em tres vãos de ferro, e o da Ribeira de Gogos, ao kilometro 196,400 formado por tres vãos de ferro, um de 50 e dois de 40 metros, e dois vãos de alvenaria, de 15<sup>m</sup> cada um.

Os 30 metros em alvenaria são em curva; os pilares dos restantes 130 metros são de ferro, de uma grande altura e muito elegantes.

Este viaducto é uma das obras mais bonitas da linha. O seu acabamento é perfeito em todos os sentidos; as alvenarias das bases dos pilares de ferro e dos arcos estão trabalhadas a capricho; o desenho da ponte, no seu conjunto, é d'um bello aspecto, a sua posição sobre o valle offerece o melhor ponto de vista.

A altura é de uns 40 metros.

Ao extremo, superiormente á via, um grupo de grandes pedras negras concorre para tornar mais pittoresca a paisagem; ao fundo do valle desenvolvem-se terronos das mais variadas culturas, pequenas herdades, bosques de castanheiros, etc. E' penna que o comboio não pare sempre n'este ponto, como fez o da inauguração.

Alguns cem metros depois vem a estação de Benespera, passada a qual a linha teve que ven-



A' MISSA DAS SEIS — QUADRO DE MALHÕA

Adquirido por S. M. a Rainha D. Amelia

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

Sado e a paciencia dos admiradores dos seus quadros, quadros alguns, em verdade, de merecimento e que revelam aptidão para obras de mais valia, que estamos certos apresentará na futura exposição.

(Continúa).

Xylographo.

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A CONCLUSÃO DA LINHA DA BEIRA BAIXA

Estão finalmente satisfeitas as justas aspirações da industrial e productora provincia.

Póde ella vender ou dar as suas tradiccionaes diligencias em que passava dia e noite, aos tombos, para se transportar á primeira estação da via ferrea; para attingir hoje a estação basta-lhe um pequeno char á bancs, um *ripert* e meia hora, o maximo, de caminho.

Chegada á estação, é pedir por bõca; para Lisboa, para o Porto, para Coimbra, sem ter que atravessar a serra que a separa do oeste do paiz; para o estrangeiro, a que se acha ligada ha dez dias, pelo troço ultimamente aberto, para toda a parte, rapidamente, commodamente.

E quando fallamos da Beira Baixa estamos naturalmente lembrando nos da Covilhã. Foi ella que mais trabalhou para ter a sua linha; foi ella que mais luctou, que mais em evidencia pôz as vantagens d'esta construção, ora invocando a sua propria importancia como centro fabril, ora instigando a capital a procurar um caminho mais curto entre Lisboa e o centro da Europa.

Que n'este ponto, diga-se a verdade, o egoismo natural da cidade manufactora não deixou em muito boas condições o traçado da linha, obrigando-o a deixar o valle do Zezere para se aproximar da serra, fazendo-o descrever uma larga curva, galgar valles em successivos viaductos, subir e descer fortes rampas, perfurar tuneis e consequentemente, demorar, difficuldar e alongar o percurso entre Alcaria e Caria.

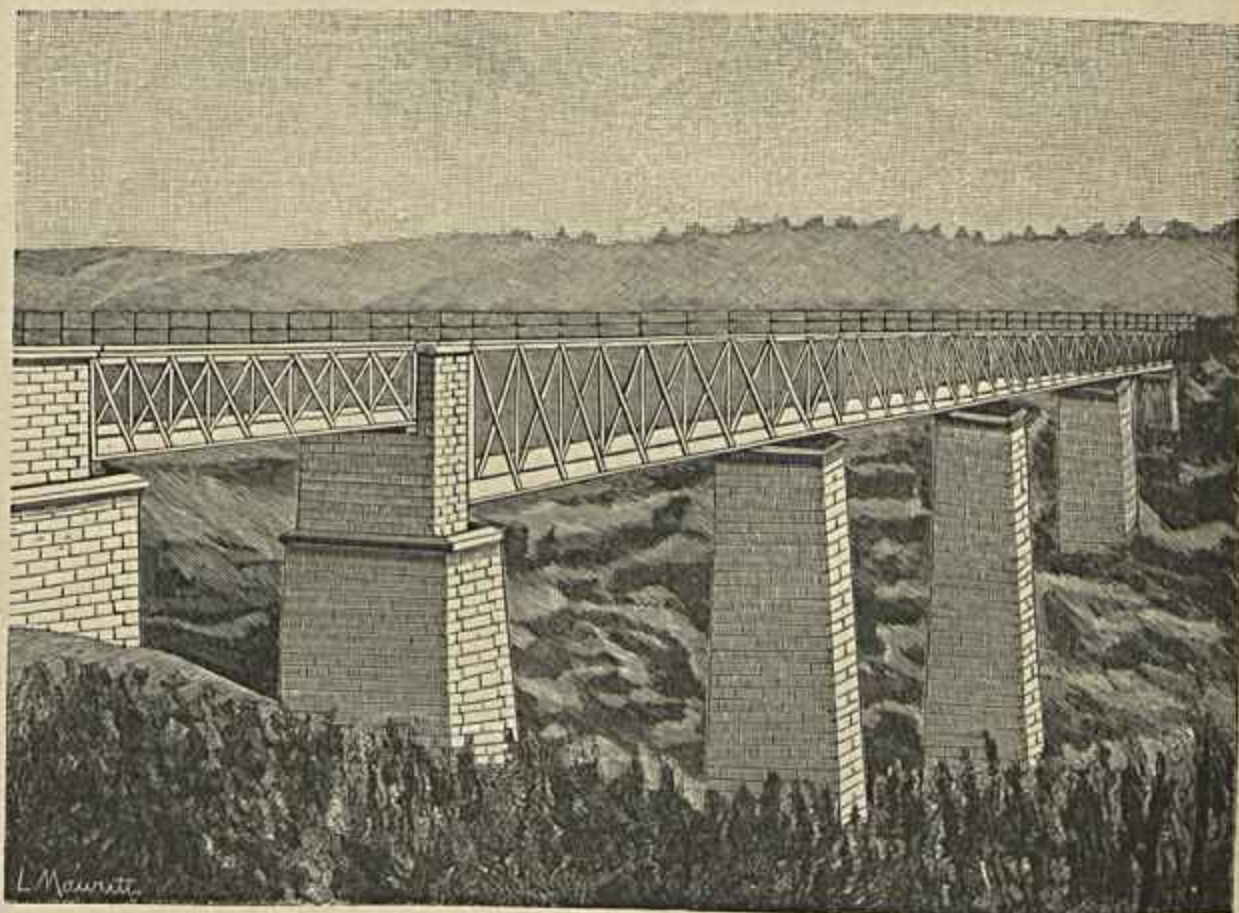
É por estas difficuldades, isto é, a meio d'ellas, que principia o novo troço da linha ultimamente inaugurado.

Covilhã tem a sua linha á

muito tempo, vamos vendo a cidade, ora á esquerda do trem ora, desaparecendo-nos na cauda d'este, pela direita, e avançando, nós ou ella, de maneira que parece que vamos de novo visitá-la.

Para vencer este percurso até a ponte do Zezere passamos tres viaductos: o da Carpinteira, sobre a ribeira d'este nome, de 60 metros, sendo, 50 em taboleiro de ferro e 10 em alvenaria; logo adiante o da ribeira de Flandres, todo em alvenaria, em oito arcos de 10 metros de luz, e por ultimo o grande viaducto de Corge, que hoje damos em gravura, e que mede 170 metros, sendo formado por quatro vãos de taboleiro de ferro sobre pilares de alvenaria,

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



O VIADUCTO DE CORGE NA LINHA DA BEIRA BAIXA

(Desenho do sr. L. Mauritty)



cer ainda grandes dificuldades, ora cortando altas trincheiras, ora sustentando-se em altos muros de suporte, galgando os ribeiros de Rebolal, Benavente, Pena Barroca e Silveiras, em quatro viaductos, o primeiro mixto, com um vão de ferro e dois de alvenaria, na extensão total de 55 metros; o segundo todo metallico, de 50 metros; o terceiro metallico tambem de 104 metros, o ultimo de 30 metros.

Conseguimos então deixar o valle do Zezere e as suas verdejantes encostas, para por meio do tunnel do Barracão, nos transportarmos ao valle de Santo Antão.

O aspecto muda completamente; o campo arborizado é substituído pelo terreno arido; em lugar d'aquelle lençol de verde, em todas as tonificações de luz, temos a terra negra, o matto escuro.

O tunnel tem 340 metros em rampa de 15, e com a carga maxima de 40 metros.

Sahido elle para-se na estação do Sabugal, que é hoje uma simples barraca de madeira provisoria, enquanto não se construe a estação definitiva que deve servir de entroncamento ao ramal chamado de Monte Barro, que vai entroncar na linha da Beira Alta em sentido ascendente, para facilitar a ligação dos comboios entre o sul e a fronteira.

D'ahi em diante só temos a pequena ponte de Noemy, de 36 metros em alvenaria, o viaducto do Corte do Cavallo de 30 metros e a ponte do rio Diz.

Dois kilometros depois ligam as linhas das duas Beiras, e tendo rodeado, a distancia de uns 5 kilometros, a Guarda, paramos na estação que fica sendo commum ás duas linhas.

N'esta á cidade ha uma forte rampa, porque a Guarda fica a uns 1.000 metros de altitude e a estação está a 811, vencendo-se esta differença do nivel em uns 6 kilometros pela estrada, uns 5 por caminho de peão ou a cavallo.

Estava mesmo a pedir uma linha reduzida, de cremalheira, que ligasse estes dois pontos, porque, apesar da cidade ter pouco interesse, sempre seria util para o viajante que quer conhecer o paiz e o percorre por distracção, admirar, da praça, os bellissimos panoramas da serra, visitar a Sé onde ha algumas antiguidades, a começar pelo seu portico etc, ao mesmo tempo que para o commerciante, o viajante de negocio que tem que transportar se rapidamente entre estes pontos, para a mercadoria que tem que ser expedida ou recebida.

Mas a Guarda não pensa n'isso; vive isolada, extranha ás conquistas do progresso, indifferente ao que se passa fóra dos seus muros fortificados.

E tão indifferente que, no dia da inauguração da linha da Beira Baixa, ninguem ali teve ideia de levar os convidados á cidade.

Clero, nobreza e povo, as autoridades, os estudantes, todos vieram, muito amaveis, fazer-nos os seus cumprimentos na estação, onde passaram trez horas de pasmaceira. Ir á Guarda não se podia, porque . . . trens havia trez e, segundo me informaram, poucos mais ha lá em cima. Junte-se a isto que pedidos, instancias, interesse porque, por qualquer fórma, aproveitasse o tempo para ver a cidade, nada disso houve.

Não que a entrada de cincoenta pessoas, assim, de manhã, n'aquellas ruas estreitas e tortuosas, poria em sobresalto os habitantes, e os moradores da velha cidade bispal querem o seu socego. Tanto o querem que as estradas, desde uma grande extensão, tem grandes letreiros «É prohibido chiar o carro», e ás 8 horas da noite, n'uma deliciosa noite de verão que eu lá passei ha annos, não havia um só estabelecimento aberto!

Aquelle letreiro tem por fim fazer que os carreiros encebem o eixo dos carros antes de entrar na cidade, para que não faça ruido. Em Gouveia, na outra falda da serra, ha a mesma cousa; ahi dizem «came o carro».

Pois não ha carros mais gritadores do que os da Galliza, constitue uma certa curiosidade ouvir, no meio dos campos, os differentes sons dos carros que caminham em varias direcções. E todos elles atravessam cidades como Vigo, Bayonna e outras, chiando, e ninguem lh'o prohibe. E' que a animação, o bulicio, a vida d'essas cidades são mais energias para lhes abafar os sons do que o cebo que os carreiros empregam na Serra da Estrella.

Deixemos, pois, a Guarda em socego: — que durma bem para que acorde em boa disposição. E precisa acordar para ver o que fazem as outras cidades, como prosperam, como se tornam commodas, attrahentes; como transformam o seu viver quando a locomotiva se lhes approxima.

E a Guarda está agora ligada por caminho de

ferro em tres sentidos, para todos os lados do paiz: é preciso que, pelo seu desenvolvimento, corresponda á importancia que tem, e que mude de ponto de paragem de diligencias beiroas em ponto de visita de viajantes de toda a parte.

L. de Mendonça e Costa.

## Um viajante estrangeiro em Portugal no seculo XVI

III

(Continuado no n.º antecedente)

Pois este comilão do sr. Kleynardts nunca reflectiu que Portugal não é um paiz de *hospedarias*, que o não era no seculo XVI, como o não é ainda hoje no seculo XIX, e não é paiz de *hospedarias*, porque é um paiz de *hospitalidade*. Hoje mesmo todos sabem que na provincia é muitissimo mais facil encontrar quem receba um desconhecido com muito gosto e com a maior franqueza e até com a maior pompa, do que uma estalagem onde se encontre coisa que comamos e não insectos que nos comam a nós. A pessoa que escreve estas linhas passou um mez n'uma casa rica da Beira Baixa. O dono da casa exercia uma tão larga hospitalidade que lhe acontecia pela manhã saber que tinha tido na vespera uns poucos de hospedes, que tinham ceiado, tinham dormido, e tinham partido de manhã cedo sem lhe fallar sequer, e sem elle saber muito bem quem eram. Os criados tinham ordens a esse respeito, e ninguem de certa cathogoria passava nas proximidades sem se aproveitar da faustuosa hospitalidade, como tambem nenhum pobre passava sem ir á cozinha buscar alimento, calor e cama. Em compensação, o infeliz que procurasse hospedaria em qualquer villa ou cidade proxima tinha a certeza de que não cejava, nem dormia. Não cejava, porque o estalajadeiro não lhe dava nada, não dormia porque era entregue em sacrificio aos insectos do seu leito.

Ora, se este sr. Kleynardts, mestre do infante D. Henrique, não se tivesse absteido tanto de ter relações em Portugal, que chega a dizer, como os leitores viram, que se não fosse o francez bispo de Cabo Verde, o dr. Jean Petit, com quem se relacionou, não sabia como poderia ter vivido entre Portuguezes, em vez de ter de andar de estalagem em estalagem encontraria por toda a parte a boa hospitalidade dos nossos fidalgos de provincia. Assim aguentou-se.

Mas a descripção é interessante, e deve ser rigorosamente verdadeira. Ainda hoje os costumes não mudaram, e aquelle estalajadeiro do Ribatejo que mereceu a Kleynardts os cognomes classicos de Polyphemo e de Cyclope, que parece copiado do natural e de um modelo ainda hoje vivo e são, um famoso Francisco, estalajadeiro de Castello Branco, bem conhecido por tratar os seus hospedes com a amabilidade com que o da borda d'agua tratou o viajante flamengo.

IV

Foi só no dia 12 de agosto que o nosso flamengo chegou a Braga, tendo parado um dia em Coimbra. Espantou-o muito o desenvolvimento da Universidade, lamentando ter lá chegado em ferias, de fórma que só poudo ouvir as lições de grego dadas por Vicente Fabricio, mas a esse respeito exprime-se com o maior enthusiasmo.

«Fabricio explicou Homero, diz elle, não traduzindo o grego em latim, mas fazendo a sua lição quasi toda em grego, exactamente como se estivesse em Athenas, coisa que eu nunca tinha ouvido antes. E os estudantes imitaram-n'o com o maior desembaraço, porque tambem faziam uso do grego. Se podemos tirar d'isto um presagio, Coimbra está a ponto de se tornar uma grande escola linguistica».

Lemos isto com tristeza, e ao mesmo tempo com um sorriso, porque nos lembra a engraçada observação de Garrett, a proposito d'esta verborrhéa hellenica que invade a nossa lingua:

«Nós demos lurosamente em fallar grego desde que o não sabemos; quando mandavamos os Teives e os Gouveias ensinal-o a Paris, fallavamos portuguez.»

Apenas chegou a Braga, Kleynardts tentou, como bom devoto que era, de fazer a sua romaria a S. Thingo de Compostella, e d'essa viagem temos noticia tambem por uma carta não a Latomus mas a Jean Petit bispo de Cabo Verde.

«Muitas vezes ouvi, escreve elle, dizer-se mal da Galliza por causa da porcaria e da miseria das suas estalagens. Mas achei o paiz muito agradável,

vel, com uma grande abundancia de mercadorias de toda a especie, e passei muito melhor na Galliza do que entre Douro e Minho. O campo, na verdade, entre Braga e o Minho é maravilhosamente delicioso, com montanhas, valles e correntes que, se nada mais houvesse, grandemente me delectariam. Mas em compensação encontrámos pão, carne e vinho e tudo de que o caçado viajante precisa muito melhor na Galliza do que em Portugal. Carneiro, como nós nunca podémos obter em Evora, vendia-se em Compostella a quatro reaes o arratel, carne de vacca a tres.»

Paremos um instante. Decididamente este sr. Kleynardts estava mal humorado contra o nosso paiz que o enriquecia e lhe dava duzentos ducados, casa, cama e meza para elle ter o *trabalhão* que já vimos, ou então, se as coisas não mudaram no sul, mudaram no norte. É possível que na Galliza houvesse estalagens em que se comesse melhor que nas estalagens do Minho? Ou os Gallegos nos trataram a nós muito mal, ou passaram palavra uns aos outros, e metteram-se em grandes despesas para obsequiar o seu hospede flamengo.

Notemos uma coisa caracteristica: no seculo XVI, ao contrario do que acontece hoje, a carne de vacca era mais barata que a de carneiro; enquanto um arratel d'aquella costava na Galliza tres reses, um arratel d'este custava quatro. É isso o que nos explica os famosos versos de Camões:

Eu já vi a taverneiro  
Vender vacca por carneiro.

Não se perceberia no nosso tempo essa trapaça, que não podia ser senão prejudicial ao vendedor.

O fim da carta de Kleynardts não deixa de ser interessante:

«A nossa volta, quando chegámos a Ponte de Lima, que fica a cinco leguas de Braga, tivemos de nos demorar cinco dias por causa do cavallo de Guilherme. Exactamente quando iamnos partir teve o animal um tremor de pernas. Felizmente havia ali á mão um doutor de cavallos, e disse que o cavallo estava *aguado*; e que, como tinhamos caminhado rapidamente no dia anterior, era natural que elle tivesse bebido muita agua de uma vez só no calor do dia.

O facto era verdadeiro e era a causa da doença. Sangrou o desgraçado animal em quatro sitios e é certo que deitou um jorro de liquido aquoso. Depois envolveram-se-lhe as patas em ligaduras, foi medicado com o seu proprio sangue misturado com sal e cinzas e acompanhada de umas inumeras e ridiculas ceremonias, e foi condemnado a jejuar até á noite.

No dia seguinte applicaram-lhe vinagre e não sei que outras drogas. O cavallo estava tão exausto com a perda de sangue que teve de ser tratado cuidadosamente, de fórma que aproveitamos a occasião para visitar alguns logares visinhos. Primeiro fomos a Vianna, que fica d'alli a tres leguas e alli passámos o dia.

Não é mau este doutor sangrador de veterinario minhoto. Engana-se muito porém quem suppozer que eram estes doutores um privilegio portuguez. A medicina e a cirurgia estavam em toda a Europa tão atrazadas e tão misturadas em praticas de uma especie de ritual ridiculamente pedante, que nos não podem surprehender as curas que Kleynardts conta com um ar tão superior do veterinario de Ponte de Lima.

Kleynardts passou um anno em Braga, e de um modo muito agradável. Foi encarregado de organizar um collegio em Braga, destinado á educação da fidalguia, e a influencia que tinha em Portugal, e principalmente no espirito do infante-arcebispo tal fama adquiriu, que chegou a Loranía essa noticia avolumada, como é costume. Disse-se lá que Kleynardts fóra feito bispo, e um pobre padre, um patricio, ao saber esta noticia, pegou no seu bordão de viajante, saiu de Diest, sua patria commum, e veio por ahi fóra a Braga pedir ao seu compatriota um beneficio. Não sabemos se o obteve, mas o que é certo é que elle encontrou Kleynardts morto por se ir embora, devorado pela nostalgia. «Nada me pode induzir, escrevia elle, a prolongar o meu exilio. Não penso dia e noite senão no meu paiz natal. Já me estou vendo em Loranía.

Deixava sem saudades este paiz, que fóra tão hospitaleiro para elle, onde não recebera senão beneficios? Aqui completava o seu conhecimento do arabe, que em nenhum outro sitio podia levar ao ponto a que o levou, aqui recebeu fartos ordenados para passar uma vida em que elle mesmo reconhece que não tinha senão uma apparencia de trabalho, e, quando se decidiu a partir o seu generoso discipulo, que pouquissimas cancelras lhe dera, fez-lhe tudo quanto elle quiz, deu-lhe



larguissima gratificação, e ainda lhe conferio uma pensão!! Mais ainda, Kleynardts pediu lhe que chamasse para reitor do collegio de Braga o seu amigo e patricio Vassée. Não faltavam homens sabedores e capacitissimos em Portugal, o proprio Kleynardts o reconhece, e foi contudo Vassée o nomeado! Kleynardts foi buscar-o a Salamanca e trouxe-o a Caminha onde o arcebispo estava, e foi depois elle mesmo pô-lo a frente do collegio de Braga.

Pois este Vassée, que não viera para Portugal, que ficara em Hespanha que é outra qualidade de terra, estava a morrer de fome em Salamanca quando Kleynardts o foi buscar para o trazer a Portugal, a fim de ficar alguém que o substituisse na alegre tarefa de comer a regalada o bom churume portuguez e de dizer mal de Portugal!

Kleynardts partiu emfim de Portugal em novembro de 1538.

## V

Pouco nos interessaria o resto da vida de Kleynardts, se incidentalmente não tivesse ainda relações com Portugal. Não seguiu logo para a sua querida Flandres, como parecia desejar tão ardentemente. O amor dos manuscritos arabes fez com que não resistisse a ir a Granada, onde os havia com profusão.

Mas Kleynardts encontrou as mais serias difficuldades em obtel-os, porque a inquisição fazia todos os esforços para apagar em Hespanha o conhecimento do arabe. Debalde Kleynardts declarou que o seu fim era eminentemente catholico, porque desejava estudar a lingua e a theologia musulmanas exactamente para refutar na sua propria lingua os seus doutores e os seus sacerdotes. Debalde fez os maiores sacrificios para comprar um escravo mahometano, que tinha grande erudição e que effectivamente de muito lhe servia. Para obter a compra d'esse escravo teve de se contractar como professor de grego do filho do marquez de Mondejar. Tudo era pouco para a sua sede insaciavel de saber. O erudito escravo que elle comprara, teve artes de lhe persuadir que, se deliberasse ir a Fez, alli encontraria quantos manuscritos quizesse e completaria de um modo notavel a sua erudição arabiga. Kleynardts não hesitou, e foi. Passou a Ceuta onde se encontrou de novo com aquelles portuguezes que tão pouco lhe agradavam, de Ceuta passou a Tetuão e de Tetuão a Fez, onde foi bem recebido pelo sultão, mas onde não tardou a ser considerado como captivo, o que elle attribuia primeiro aos manejos de um portuguez renegado que estava na corte do sultão, depois ao seu proprio escravo, que elle deixara em Granada e que revelara em cartas ao sultão o plano que Kleynardts dizia ter, de ir fazer propaganda christã na Africa. E' certo que se vio em seriissimos embarços, que teve de mandar o seu fiel Guilherme a Portugal, pedir dinheiro, que Guilherme voltou com as mãos vazias, e que foi o seu amigo bispo de Cabo Verde quem lhe valeu, mandando-lhe dinheiro para se resgatar. Final saiu de Fez, levando muito poucos manuscritos — e esses mesmos lhe foram roubados na jornada, e, depois de ter estado quarenta dias preso pela doença em Arzilla, passou finalmente a Hespanha, mas sem dinheiro e sem meios de o arranjar. De Portugal participaram-lhe que não continuariam a pagar-lhe a pensão. Contra isso protestou, não muito justificadamente. Que tinha elle feito realmente para que se lhe pagasse a pensão, que, n'um momento de prodiga generosidade, o cardeal D. Henrique lhe concedera!

Em setembro de 1542 morria o pobre Kleynardts em Granada sem ter conseguido tornar a vêr a sua querida patria, cuja lembrança o torturava, mas era mais forte do que a nostalgia o seu amor pela sciencia, bem caracteristica d'esta curiosissima epoca da renascença. Sentimos deveras não encontrar n'este espirito erudito uma sympathia bem natural por um povo que estava prestando a sciencia tantos serviços como era o portuguez, mas isso não nos impede de apreciar esta figura notavel, e as informações que elle nos dá acerca da vida portugueza do seculo XVI.

Pinheiro Chagas.

## ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

(Continuado do numero antecedente)

Não admira que a alguém parece-se aquelle hotel um museu de historia natural. E muito haveria de certo que lá estudar se fosse meu intento

dar-me a um tal trabalho, mas, como não o é, voltemos, amaveis leitoras, a esperar os novos hospedes, que já não devem estar longe.

Em frente caminhava o cicerone, depois Williams, depois John e atraz de tudo os carregadores, em linha recta, passo cadenciado e monotono.

Williams olhava vagamente para o seu horizonte visual, que tanto podia ser o hotel como o lago ou a montanha.

John seguia, cabisbaixo, olhos fitos no chão.

Proximos já da entrada do hotel, Williams estacou repentinamente, abriu os olhos de um modo descommunal e deixou cahir das mãos os apensos, que não confiava nunca a guarda d'outrem.

John, que julgava o caminho inteiramente livre, esbarra com o amo, cahiu desastrosamente no chão duro da rua, e os carregadores, que se lhe seguem a um de fundo, não contando com esta resistencia inesperada, cahem tambem de chofre um apos outro, resvalando debaixo dos fardos e soltando bramidos e pragas medonhas.

Fez-se um montão de materia animada e de malas e de chapelleiras, tudo em mistura, tudo em movimentos irregulares, desencontrados, ridiculos: uma babel!

Acodem os serviços do hotel, que ajudam a desfazer aquelle embroglio e todos seguem ao seu destino excepto Williams, que permanece estatico, immovel, insensivel a tudo o que se passa em torno d'elle.

O seu olhar conserva ainda a mesma fixidez e o rosto uma pronunciada expressão d'assombro.

Não era difficil verificar qual a causa da perplexidade e do assombro de Williams.

Nas janellas do edificio onde estava instalado o hotel via-se apenas um vulto feminino, que tanto podia ser uma creança como uma mulher, pallido extremamente debil, com uns olhos negros como o azeviche do cabelo a destacarem nas orbitas um pouco fundas e assombreadas por um traço escuro muito esbatido, mas a brilharem como dois diamantes negros.

Esta mulher, porque o era, fitava Williams com um ar de muita bondade, apesar d'uma ligeira contracção dos labios, provocada pela grutesca posição do estrangeiro, e que deixava antever uma fila de pequeninos e alvissimos dentes.

Williams vendo-a descobriu n'ella o seu ultimo ideal — a mulher que nunca poderia entrar na linha das perdidas, das traiçoeiras ou das voluveis: a mulher pallida, transparente, aerea, subtil!

De prompto as suas faculdades intellectuaes conceberam um plano.

Passado o momento do espasmo e da admiração curvou-se muito delicada, muito respeitosa, deante d'aquella personificação do seu ideal, subiu rapidamente, mas sem perder nunca aquella linha de pose, que sempre guardava mesmo nas occasiões mais criticas, seguindo pelo corredor onde deveria estar situado o quarto da dama, e tomou na carteira nota do numero do aposento.

Quasi na mesma occasião ouvia-se distinctamente o correr precipitado d'uma fechadura de porta. Era a inquilina, que receiando a invasão dos seus aposentos por aquelle estrangeiro, que se lhe afigurara um louco, tomava a prudente medida de fechar a chave e intrincheirar internamente a porta da entrada.

Ao ouvir todo aquelle ruido, todos aquelles preparativos de defeza, Williams limitou-se a fazer um ligeiro movimento d'hombros, dirigindo-se em seguida para o escriptorio do proprietario do hotel onde pediu o livro do registo dos hospedes.

Depois de ter assignado o seu nome appellidos e procedencia, ao que o empregado da escripturação addicionou o numero do quarto que lhe destinava, Williams fez desandar as folhas do infolio até ao numero do quarto que apontara na carteira e leu:

— Mademoiselle Josephine Amavel e Lippe, natural de Francfort, e seu irmão Maximiliano Charles et Lippe, da mesma procedencia.

Williams juntou ao seu apontamento mais esta nota, seguindo logo para os aposentos que lhe destinaram e a cuja entrada John esperava já impassivel.

Agora vamos travar conhecimento mais completo com a joven allemã enquanto o lord se dispõe para a execução do plano que architectara.

Amabel era, como o dizia a inscripção, solteira — mademoiselle — e viera de Francfort acompanhada por seu irmão, joven prasenteiro e descaudado, procurar nas margens do Lucerna algum allivio ao terrivel padecimento que ha tempos lhe minava a existencia.

De constituição lymphatica e extremamente delicada, fora-lhe a vida desde a meninice ameaça-

da na sua existencia pelo mal que n'ella mesma tinha o germen; mal, que, não obstante a sua tenacidade em vencer, encontrou no amor e nos carinhos maternaes uma reacção constante, invençivel quasi,

(Continua.)

A. Motta.

## OS MEUS LIVROS

## XXIII

O sr. Ramos Coelho, erudito academico e respeitado historiador mandou-nos um bello livro, edição monumental, commemorando o quadricentenario do descobrimento da America.

Precede o livro um prologo, que é uma memoria interessantissima do sr. Jose Ramos Coelho.

Este trabalho do auctor da *Historia do infante D. Duarte*, pela substancia erudita, forma classica, elegante, é uma das primeiras memorias historicas, senão a mais completa, que se publicou durante o quadricentenario de Christovão Colombo.

Os trabalhos que precederam a organização do livro notabilissimo que temos em mão, *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguezas publicadas por ordem do governo*, são de uma correcção impecavel, e só o talento e conhecimento excepcionaes de um funcionario da craveira intellectual de Ramos Coelho poderia levá-os a cabo.

A propria disposição das materias, contidas no livro preside uma orientação de tal guisa intelligente que faz estimar o trabalho de Ramos Coelho, mesmo antes de o ler.

Agradecemos muito reconhecidos a preciosa dadiva do sr. Ramos Coelho porque é um manancial de estudo para aquelles que, como nós, não podem adquirir os livros que desejam por falta de meios.

O livro consta de 553 paginas in-folio 4.º e alem dos perfectissimos fac-similes de D. João I, D. Duarte I, infante D. Pedro, infante D. Henrique, D. Affonso V, D. João II, e Duque de Beja, depois rei D. Manuel I, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, insere copias de cartas regias, tratados, ordens reais, requerimentos e alvarás.

Ha sobre tudo uma carta do imperador Carlos V ao nosso rei D. João III, muito interessante. O celebre imperador que possuio reinos em tal extensão que o Sol poente em uns já era nascente em outros! o que fez Carlos V dizer que o Sol illuminava sempre os seus dominios. Nesta carta pede o imperador a El-rei D. João III para que acredite tudo o que lhe expuzerem seus embaixadores acerca do contracto das ilhas Molucas. Nesta carta escripta em 1524 a 13 de dezembro e datada de Valladolid, intitula-se: Carlos V imperador sempre augusto eleito pela Divina Providencia e rei de Alemanha, Castella, Leão, Aragão, Duas Secillas e de Jerusalem.

Do mesmo auctor recebemos: *A Christovam Colombo poesia para a commemoração do quadricentenario do descobrimento da America*, celebrada na Arcadia de Roma; no mesmo volume encontramos a versão para italiano das oitavas de Ramos Coelho, trabalho primoroso de Prospero Peraglio.

De Pedro Machado, actualmente em Africa, recebemos *Scenas d'Africa*, dois volumes de duzentas paginas.

É um verdadeiro romance intimo como lhe chama o auctor, e onde os costumes locais são apresentados com a verdade de uma photographura.

A vida intima da nossa provincia de Angola é ali — no livro de Pedro Machado — patenteada com o conhecimento de quem lá viveu muitos annos ficando conhecedor de todos os vicios e de todas as virtudes, de todos os defeitos e de todas as qualidades d'aquelle povo, tanto a parte indigena como a parte colonial.

A descripção de Loanda, o seu interior, os habitues da pharmacia Neves, da loja do Ferreira dos leões, os bancos do largo dos Calheiros onde se faziam e desfaziam governos geraes, e os da praça de Pedro Alexandrino não tinham menor valor politico; o celebre bilhar do Raymundo, com tradições guerreiras não inferiores ás do nosso Mar-rare; — tudo é descripto por Pedro Machado com penna habil e elegante.

Quem lá esteve, quem viveu, principalmente, em Loanda, fica agradavelmente impressionado pela correcção com que Pedro Machado nos faz



ver pelo verdadeiro prisma a sociedade da capital de Angola.

É um trabalho completo; e a propósito, fazemos nossas as palavras do sabio Dr. Francisco Antonio Pinto, que referindo-se ao livro recorda aos nossos escriptores a necessidade de estudar a vida, nas nossas possessões, tornal a conhecida do nosso publico que desconhece por completo o que seja a chegada de um paquete a Mossamedes, os *quibucas* que entram no Dondo, — que bellos assumptos para quadros e para scenario de theatro — com que enthusiasmo não applaudiria o nosso publico: a entrada solemne dos sobas de Ambaca em Pungo Andongo — as viagens do vapor pelo Quanza acima — as caçadas ao hyppopotamo — aventuras dos *aviados* pelo sertão dentro — as eleições no Dondo — os casamentos com a cerimonia do *colombôlo* etc. Isto instruiria o nosso publico sobre os costumes africanos, interessal-o-hia pelas suas colonias, conhecel as hia sem estudos especiaes, para que uns não estão habilitados e outros para isso não lhes sobeja o tempo.

Ao auctor e nosso amigo Pedro Machado, já favoravelmente conhecido nas lettras, quer pela sua esplendida collecção de sonetos quer pelos seus monologos e outros trabalhos — agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Nas galerias a enchente não era grande, não sendo facil de classificar a causa d'aquelle abandono das galerias, tratando-se de saber qual a resolução que o governo tomava sobre a questão magna dos erédores externos e das propostas de fazenda, com que mais uma vez se procurava equilibrar o orçamento.

Seria essa indiferença que ha tantos annos domina o publico pelas coisas da politica, ou a completa deserença na regeneração d'este paiz, que fez as galerias estarem quasi ás moscas, no momento em que se iam saber coisas de tanto interesse para a vida do paiz?

Parece-nos que ambas as coisas devem ter influido no espirito publico, caçado de ver tantos planos no papel e tão poucas obras na pratica.

E será esta uma das maiores difficuldades com que o governo terá a lutar, a de conseguir interessar o paiz em seu favor, para proseguir nas suas reformas regeneradoras das nossas finanças.

O governo tem-se desempenhado até onde tem podido do programma que traçou ao assumir o poder, mas a indiferença publica nem por isso tem despertado por ahí além da madorra em que cahiu.

Hade ser difficil, hade. As propostas de fazenda se não são de molde a batermos as palmas de contente pela perspectiva

Este projecto já passou em ambas as casas do parlamento depois de ter sido apreciado pela respectiva commissão de fazenda.

A maioria dos credores externos está de accordo com esta solução, e, portanto, este negocio está arumado com grande alivio para o paiz, que parecia estar sob a espada de Damocles.

Quanto ás propostas de fazenda synthetizam se nos seguintes dados:

A revisão do orçamento deu em resultado uma diminuição na despeza ordinaria e extraordinaria de 3.494 contos. Nas receitas extraordinarias deve haver um augmento calculado em 724 contos, sendo, portanto a diminuição do *deficit*, comparando o orçamento do sr. Dias Ferreira com o do sr. Fuschini, de 4.059 contos; o que dá o *deficit* calculado para o futuro anno economico de 1893-1894, de 1.002 contos.

Devendo, porém, attender-se a que no anno seguinte accresce a verba de 1.021 contos, proveniente dos encargos de amortisação de empréstimos do Banco de Portugal, o sr. ministro da fazenda apresentou quatro propostas de augmento ou criação de receitas, baseadas nos seguintes impostos:

Augmento de 500 contos no imposto do sello; 350 contos nos alcools; 280 contos na contribuição predial; 600 contos na contribuição industrial, pro-

## ILLUSÕES PHOTOGRAPHICAS



A PROPRIA CABEÇA EM UM PRATO



LEVANDO A PROPRIA CABEÇA EM UM CARRINHO DE MÃO



A PROPRIA FIGURA EM PONTO PEQUENO

Do sr. Luciano Cordeiro recebemos *Diogo Cão*, *Vasco da Gama* e *Diogo d'Azambuja* que são tres memorias, estudo consciencioso apresentado pelo auctor á 10.ª sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas.

A nosso ver, não melindramos decerto com isto o nosso erudito amigo, o melhor trabalho é a memoria sobre *Vasco da Gama*, onde se mostra a maneira como e quando foi feito conde.

São preciosos os dados historicos, e, de um preço inestimavel, os autographos que acompanham o volume que recebemos.

Felicitemos o nosso amigo Luciano Cordeiro pelo exito que tem encontrado o seu notavel trabalho, visto que já alcançou o successo de estima.

Manuel Barradas.



### REVISTA POLITICA

Reabriu o parlamento, no dia 15 do corrente, conforme estava marcado e o governo compareceu, na baneada dos ministros, sobraçando as suas propostas de fazenda e o seu projecto de pagamento aos erédores externos.

desafogada que promettem ao contribuinte, é preciso reconhecer n'ellas a boa intenção de acertar e o trabalho que representam por parte, especialmente do sr. ministro da fazenda, que mostra bem o estado serio a que se votou para melhorar quanto possível o estado da fazenda publica.

A resolução do governo sobre os credores externos, não podia ser mais equitativa, honrada e viavel do que é, mantendo a dignidade do paiz e procurando quanto possível restabelecer o credito pelas garantias que dá aos erédores de, n'um periodo não muito remoto, os ir indemnizando do prejuizo que tem soffrido.

O procedimento do governo n'esta questão está perfeitamente de accordo com o que sempre pensamos a este respeito e aqui o temos repetido.

O governo apresentou a sua proposta para a solução dos juros da divida externa nas seguintes condições:

Pagamento, em ouro, de um terço dos juros, conforme o decreto de 13 de junho do anno passado.

A contar do 1.º de julho d'este anno 50% do excedente de 11.400 contos dos rendimentos alfandegarios, e 50% da diminuição de 22% que tenha o premio do ouro, ou seja a baixa do cambio.

Todos os beneficios concedidos aos erédores internos são por igual concedidos aos erédores externos, etc.

Será novamente reorganizada a Junta do Credito Publico, com membros portuguezes, conforme antigamente.

duzindo o total de 1.730 contos do augmento nas receitas.

A maneira como o sr. Fuschini pretende realizar este augmento, afigura-se-nos a mais suave, tendo principalmente em vista não aggravar os impostos nos artigos de primeira necessidade.

O seu projecto sobre os alcools é, principalmente, muito bem estudado, revelando conhecimentos praticos, pelos inconvenientes que obvia.

D'estas propostas de fazenda vê-se a possibilidade de se equilibrar o orçamento, só resta vér se ellas serão bem accites pelos contribuintes.

Com respeito aos cortes feitos no orçamento já ha quem proteste e lhe custe a conformar se.

Era de esperar, tanto mais que grande parte d'esses cortes vão ferir quem menos culpa tem de haver necessidade de os fazer.

Na maneira de não levantar odiosos, deve consistir toda a habilidade do governo. Se o conseguir terá o applauso de todo o paiz.

E com as cifras gastamos o papel que tinhamos para esta revista, não nos deixando nem mais uma folhinha para fallarmos do inquerito votado na camara dos deputados, para tirar a limpo o que ha com respeito ao empréstimo dos tabacos e pagamento dos titulos do empréstimo de D. Miguel.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 3ª